

A VALORIZAÇÃO DA GESTÃO DOS ATIVOS INTANGÍVEIS NA ECONOMIA DA SOCIEDADE EM REDE

A VALUATION OF THE MANAGEMENT OF INTANGIBLE ASSETS IN ECONOMY OF NETWORK SOCIETY

Kleber Netto Fonseca
FUMEC

Fabricio Ziviani
FUMEC

Renata de Souza da Silva Tolentino
FUMEC

Renata Costa Ferreira
FUMEC

Aprovado em 12/2022

Resumo

O estudo dos ativos intangíveis demonstra ser imperioso para o desempenho organizacional na economia da sociedade em rede. As práticas tradicionais e financeiras baseadas, apenas, no tangível perderam espaço para os bens incorpóreos, de difícil mensuração, assim denominados ativos intangíveis. As organizações imersas neste ambiente de negócios comprovam o aumento da competição entre as empresas, demandando qualidade e interação com esta estrutura. Assim pensando, pretende-se contribuir para a discussão sobre a gestão dos ativos intangíveis e sua relevância para o desempenho organizacional das empresas. Destaca-se que, quanto à pesquisa de dados, trata-se de coleta de dados secundários, artigos científicos disponibilizados, gratuitamente, nas bases de dados indexadas ao Portal da Capes, Scopus e Google Acadêmico. Este artigo é caracterizado como exploratório e descritivo, de forma que objetiva descrever os conteúdos encontrados nos seis artigos integrantes do portfólio. Foi utilizado o software MAXQDA para análises qualitativas de dados e posteriormente, a análise do discurso foi o recurso utilizado para tratar os resultados. Como resultado, destaca-se o interesse por parte das organizações pelos ativos intangíveis que se consolida conforme a permanência no mercado se demonstra instável, ocasionando a necessidade das empresas apresentarem desempenhos de excelência e vantagem competitiva sustentável.

Palavras-chaves: Ativos intangíveis. Gestão de ativos intangíveis. Desempenho Organizacional.

Abstract

The study of intangible assets proves to be imperative for organizational performance in the networked society economy. Traditional and financial practices based only on the tangible have lost space for intangible, difficult-to-measure assets, so-called intangible assets. Organizations immersed in this business environment prove the increase of competition among companies, demanding quality and interaction with this structure. Thus, we intend to contribute to the discussion about the management of intangible assets and their relevance to the organizational performance of companies. It is noteworthy that, as far as the data search is concerned, it is a collection of secondary data, scientific articles available, free of charge, in the databases indexed to the Capes, Scopus and Google Scholar Portal. This article is characterized as exploratory and descriptive, in order to describe the contents found in the six articles included in the portfolio. MAXQDA software was used for qualitative data analysis and discourse analysis was the resource used to treat the results. As a result, the interest of the organizations in the intangible assets that consolidates according to the permanence in the market shows itself unstable, causing the companies to present performances of excellence and sustainable competitive advantage.

Keywords: *Intangible assets. Management of intangible assets. Organizational Performance.*

INTRODUÇÃO

Na economia da “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999a, 2005b), enfatiza-se a relevância da identificação e gestão dos ativos intangíveis ou capital intelectual para o sucesso das empresas. Castells (1999a, 2005b) destaca que a estrutura da sociedade em rede está “baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação, fundamentadas nas redes digitais de computadores, que geram, processam e

distribuem informação”, constituindo redes de produção e poder, de forma que “constroem a cultura da virtualidade nos fluxos globais, independentes do tempo e o espaço”. Neste viés, constata-se que, desde a década de 80, no mundo acadêmico e empresarial, os estudos dos ativos intangíveis vêm se intensificando, no sentido de conhecer melhor os meios, que garantem sucesso e sustentabilidade às organizações, nesta nova estrutura social, econômica e política.

Por isso, assevera-se que as organizações imersas neste novo ambiente de negócios comprovam o aumento da competição entre as empresas, demandando qualidade e interação com esta nova estrutura. Assim pensando, este artigo pretende contribuir para a discussão sobre a gestão dos ativos intangíveis e sua relevância para o desempenho organizacional das empresas.

Leva-se em consideração que as organizações visam a mapear os ativos intangíveis, objetivando compreender os motivos pelos quais determinadas empresas alcançam desempenhos de excelência e vantagem competitiva sustentável. Destaca-se que pesquisas têm sido desenvolvidas para buscar meios de analisar as influências dos ativos intangíveis no desempenho organizacional das empresas. Por isso, questiona-se: quais são os limites e possibilidades da gestão dos ativos intangíveis nas empresas?

Neste sentido, propõe-se analisar os influxos positivos dos ativos intangíveis nas empresas: os limites e possibilidades da gestão. O presente artigo está estruturado em dez seções, a saber: Introdução, Ativos Intangíveis, Gestão dos Ativos Intangíveis, Desempenho organizacional, Ambiente de Negócio, Procedimentos metodológicos, A transformação da economia e a origem dos investimentos em ativos intangíveis na sociedade em rede, A relação entre gestão dos ativos intangíveis e o desempenho organizacional das empresas, Os limites e possibilidades do

influxo positivo dos ativos intangíveis no desempenho organizacional das empresas e Considerações finais.

ATIVOS INTANGÍVEIS

No período anterior a década de 80, o mundo dos negócios se baseava nos ativos tangíveis com aplicação de práticas contábeis tradicionais. Segundo Stewart (2002), com o advento da “economia do conhecimento”, os ativos intangíveis ganharam espaço nas empresas. Enfatiza-se que o conhecimento “tem origem e é aplicado na mente dos conhecedores. Nas organizações, ele costuma estar embutido não só em documentos ou repositórios, mas também em rotinas, processos, práticas e normas organizacionais.” (DAVENPORT, PRUSAK; 1988, p. 06). Neste viés, pode-se afirmar que os ativos intangíveis ganharam mais relevância para o sucesso da empresa do que os ativos financeiros.

Em uma organização, denominam-se de ativos intangíveis ou capital intelectual, os bens que não carecem de substância ou matéria física, sendo considerados incorpóreos, de difícil mensuração e interpretação. Salienta-se que os ativos intangíveis ou capital intelectual é composto por três tipos de capitais: (i) capital humano; (ii) capital estrutural e (iii) capital relacional. (VAZ et al., 2014). Stefano et al. (2014) afirmam que as empresas identificam e medem diferentes ativos intangíveis, devido aos seus objetivos estratégicos. Assim, para o autor, “ativos intangíveis consistem das fontes imateriais de valor relacionadas com capacidades, organização dos recursos e colaboradores, também, da forma de atuação e as relações com seus stakeholders”. Stefano et al. (2014) destacam que o termo capital intelectual “pode ser usado como sinônimo, caso seja considerado para ser mais

descritivo em uma determinada situação”. (STEFANO et al, 2014, p. 25).

Em relação ao termo capital humano, destaca-se que está ligado diretamente com a competência dos recursos humanos dentro da organização. Trata-se do valor de investimento em treinamento e as competências dos colaboradores, a capacidade de relacionamento interno e os valores pessoais dos colaboradores; são os fatores comportamentais dos colaboradores, suas motivações, agilidade intelectual, qualidades de liderança e inovação. Identifica-se o capital humano por meio dos seguintes elementos: know-how, habilidade e capacidade técnica de saber como fazer; educação; qualificação vocacional; conhecimento relacionado ao trabalho; avaliações ocupacionais e psicométricas; competências relacionadas ao trabalho; empreendedorismo, capacidade de inovação, capacidades proativas e reativas, mutabilidade. (VAZ et al.,2014).

Quanto ao capital estrutural, salienta-se que é o capital organizacional, a estrutura interna da organização. É identificado pela cultura, capacidade organizacional, planejamento administrativo, sistemas de controle, processos, redes funcionais e políticas. É a transformação do conhecimento e da experiência dos colaboradores, que por meio da tecnologia da informação, viabiliza a retenção deste conhecimento. Este capital está dividido em duas partes a saber: (i) ativos de infraestrutura identificados pelos elementos: filosofia gerencial; cultura corporativa; processos gerenciais; sistemas de informação e sistemas de rede e (ii) propriedade intelectual identificada pelos itens: patentes e direitos autorais; direitos de projeto; segredos industriais e marcas registradas. (VAZ et al.,2014).

Já o capital relacional, trata-se da estrutura externa relacionada aos clientes por meio de sua

fidelidade que reduz os custos da busca por novos clientes e aos fornecedores que criam valor por meio da potencialização do just-in-time, aumento da qualidade e velocidade de entrega de matéria prima. Este capital é identificado pelos seguintes componentes: acordos de franquias; clientes; fidelidade do cliente; acordos de franquias; nomes de companhias; pedidos em carteira; canais de distribuição; colaborações comerciais; acordos de licenciamento e contratos favoráveis. (VAZ et al.,2014)

Portanto, os ativos intangíveis são a soma do conhecimento tácito e explícito de uma organização. Pode-se afirmar que são importantes na composição do patrimônio das empresas, pois, em tempos de mercado competitivo e marcado pela inovação tecnológica, marcas, nomes, propriedade intelectual, patentes, direitos autorais, licenças, know-how, franquias e outros, são valiosos para o sucesso e sustentabilidade das organizações. Evidencia-se que os ativos intangíveis possuem valor de mercado e assim, relacionam-se ao conhecimento, as habilidades, expertise e práticas das empresas juntamente com seus ativos tangíveis. Ressalta-se que o valor de mercado é a soma do valor contábil e do valor dos ativos intangíveis. Em muitas empresas, muitas vezes, o valor dos ativos intangíveis supera o valor contábil, por isso, torna-se, cada vez mais, importante a gestão dos ativos intangíveis.

GESTÃO DOS ATIVOS INTANGÍVEIS

Os ativos intangíveis são condicionantes importantes na criação de valor dentro da empresa e precisam ser gerenciados com excelência. Logo, delimitar uma gestão bem sucedida dos ativos intangíveis afeta, positivamente e diretamente, o desempenho de mercado de uma organização. (STEFANO et al,

2014, p.25). Busca-se com a gestão dos ativos intangíveis o gerenciamento e a identificação dos recursos imateriais importantes para a conquista dos objetivos estratégicos da organização. Bem como, a implementação de práticas da gestão do conhecimento, incluindo aprendizagem organizacional e assim, o aumento da capacidade inovadora organizacional.

No entanto, acentua-se necessidade de identificá-los, e compreender os processos de sua evolução, de forma que, possa usá-los, estrategicamente, por meio de abordagens sistemáticas de gerenciamento. (ROOS e ROOS, 1997). A gestão dos ativos intangíveis é de grande importância para viabilizar a geração de valor e impulsionar a sustentabilidade da empresa. Marzo e Scarpino (2016) identificam nove pontos para gestão do ativo intangível, a saber:

- (i) identificação do ativo intangível formal e informal; (ii) seleção, geração e integração do ativo intangível; (iii) controle e valorização dos recursos intangíveis; (iv) gerenciamento baseado em fluxo;(v) a relação entre as três dimensões do ativo intangível: humano, estrutural e relacional; (vi) difusão do conhecimento; (vii) conscientização da importância do ativo intangível; (viii) Forçado a compreender, as organizações são obrigadas a inovar seus sistemas gerenciais e desenvolver novos conhecimentos para atender aos clientes; (ix) Gestão de ativo intangível e desempenho da empresa

Sabe-se que a manutenção de uma empresa não reside apenas em seus laboratórios, campos de testes e pesquisas. Por isso, enfatiza-se que, os ativos intangíveis correspondem a um dos principais fatores de sucesso para as organizações. Tornou-se também imperioso o investimento no capital humano ou no conhecimento tácito disponível. Sendo assim, o desenvolvimento de uma gestão dos ativos intangíveis permite a proteção e avaliação destes

bens que resultam em vantagens competitivas para as empresas.

DESEMPENHO ORGANIZACIONAL

O desempenho organizacional compreende a capacidade de realização de ações a fim de alcançar as metas. Salienta-se que contém três aspectos elementares: (i) metas a serem atingidas; (ii) o tempo para atingir as metas e (iii) regras de ordenação das metas. Por conseguinte, o desempenho organizacional é diferente para cada empresa e para cada parte interessada, nunca é o objetivo. Apresenta-se como o caminho que possibilita à organização a definição de onde almeja chegar. (LEBAS, 1995, p. 23-27).

Apresenta-se o desempenho organizacional medido por meio de sete critérios, a saber: (i) eficiência; (ii) eficácia; (iii) qualidade; (iv) rentabilidade; (v) produtividade; (vi) qualidade de vida no trabalho e (vii) inovação. (SINK, 1991). Quanto à medição do desempenho organizacional, destaca-se os seguintes fatores: (i) mudança na natureza do trabalho; processos automatizados e terceirização de mão de obra; (ii) aumento da concorrência; globalização; (iii) iniciativas de melhoria específicas, tais como a Gestão da Qualidade Total, do original Total Quality Management (TQM), ciclo PDCA (plan, do, check, act); (iv) prêmios nacionais e internacionais; (v) mudança de papéis organizacionais; (vi) mudanças nas demandas externas, tais como a existência de órgãos reguladores com padrões nacionais de desempenho e (vii) o poder da tecnologia da informação (NEELY, 1999, p. 210).

Ressalta-se que, de acordo com Venkatraman e Ramanujam (1986), o desempenho organizacional reflete a perspectiva do gerenciamento estratégico; sendo um conjunto de conceitos da

eficácia da organização. Barbosa e Cintra (2012) apontam que o desempenho organizacional deve ser orientado pelos objetivos da firma. Assim pensando, assevera-se que, quando o lucro não é o indicador esperado pelos clientes, governo ou terceiro setor desenvolve-se outro constructo multidimensional, onde haja indicadores e variáveis de contexto e uma relação coerente entre essas partes.

A concepção do desempenho organizacional ligada à ideia de eficácia organizacional é corroborada por Richard et al. (2009, p. 722) que afirmam

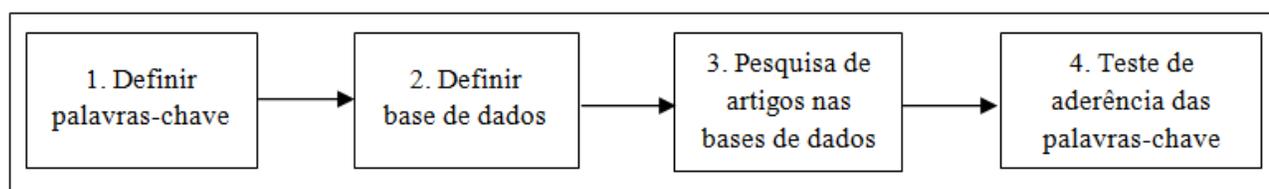
Eficácia organizacional é mais ampla e capta o desempenho organizacional além dos resultados internos de desempenho normalmente associados com operações mais eficientes ou eficazes e outras medidas externas que se relacionam com as considerações que são mais amplas do que aqueles que simplesmente associada a avaliação econômica, como a responsabilidade social. (RICHARD et al., 2009, p. 722).

Neste sentido, se atentar para o desempenho organizacional é um passo primordial e essencial para construção de estratégias mais eficazes. É a partir da mentalidade de se utilizar os indicadores de desempenho, que o planejamento de uma empresa começa a ser alinhado, visando a atingir os objetivos almejados.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentam-se os aspectos relativos ao percurso teórico metodológico, abordando a metodologia de coleta de dados; por meio do método Knowledge Development Process – Constructivist (ProKnow-C), (TASCA et al., 2010), enfocando o instrumento de busca, o processo de pesquisa bibliográfica e composição do portfólio de artigos, analisados pelo método de análise de

Figura 1 - Etapas da fase de seleção do banco de dados bruto para formar o portfólio bibliográfico



Fonte: Tasca *et al.*, 2010, adaptado pelos autores.

conteúdo dos resultados das pesquisas apresentadas nos artigos. Minayo (2006, p.307) afirma que a análise de conteúdo visa à interpretação do conteúdo que está sendo comunicado, por meio da inferência e critérios objetivos e científicos.

Marconi e Lakatos (2003), definem que a pesquisa bibliográfica é um levantamento sobre os principais artigos de um determinado tema. Por isso, assevera-se que, para a busca dos artigos, foi necessário selecionar bases de dados, que possuem maior relevância para o tema em estudo.

Destaca-se que, este artigo, quanto à pesquisa de dados, trata-se de coleta de dados secundários, artigos científicos disponibilizados, gratuitamente, nas bases de dados indexadas ao Portal da Capes, Scopus e Google Acadêmico. Em relação à sua forma de abordagem, enfatiza-se que este artigo é caracterizado como exploratório, pois, fundamenta-se nas concepções de Godoy (1995), Vieira e Zouain (2004), Collis e Hussey (2005) e Silva e Menezes (2005), devido à estrutura de coleta de dados secundários e análise quanto à permanência no portfólio bibliográfico. Já quanto aos fins, é descritivo, segundo Gil (2002), Collis e Hussey (2005) e Vergara (2009), de forma que objetiva descrever os conteúdos encontrados nos artigos integrantes do portfólio, identificando características, a partir de um problema, e estabelecendo relações entre variáveis. (COLLIS e HUSSEY, 2005, p.24 e GIL 2002, p. 42).

O percurso teórico metodológico traçado se inicia com estudo do método Knowledge Development Process – Constructivist (ProKnow-C) que, segundo os autores Santos, Schenatto e Oliveira (2017), o referido método proporciona “um procedimento estruturado, rigoroso, que minimiza o uso de aleatoriedade e subjetividade no processo de revisão bibliográfica”. O referido método apresentado por Tasca et al. (2010) para a seleção de um portfólio bibliográfico, está organizado em quatro fases, a saber: (i) seleção portfólio bibliográfico; (ii) análise bibliométrica do portfólio; (iii) análise sistêmica e (iv) definição da pergunta e objetivo da pesquisa. Para a escrita deste artigo foram aplicadas as seguintes fases, que contemplam a revisão da literatura.

Na fase de procedimentos para coleta dos dados, reuniu-se um banco de artigos relacionados com o tema ativos intangíveis. Foi realizada a seleção de artigos brutos para construir um portfólio bibliográfico por meio das seguintes etapas, conforme figura 1: (i) definição das palavras-chave para a busca de artigos; (ii) definição das bases de dados onde serão realizadas as buscas; (iii) pesquisa dos artigos nas bases de dados com as palavras-chave e (iv) teste de aderência das palavras-chave ao tema da pesquisa (TASCA et al., 2010).

Inicialmente, definiu-se as palavras-chave de busca: “ativos intangíveis”, “desempenho organizacional” e “capital intelectual”, em seguida definiu-se as seguintes bases de dados para a pesquisa: Capes, Scopus e Google

Quadro 1 – Artigos selecionados para o portfólio bibliográfico

Título	Ano	Autores	Amostra	Período
Um estudo sobre causalidade entre ativos intangíveis e desempenho econômico de empresas	2017	Ritta, C. D. O.; Fabris, T. R.; Klann, R. C.	177 empresas brasileiras	2010 a 2014
Análise da influência do capital estrutural no sucesso de startups incubadas: uma pesquisa com 21 empreendedores.	2016	Machado, E. <i>et al.</i>	21 empreendedores de startups incubadas	2015
A influência da conexão política nos ativos intangíveis.	2016	Sena, T. S.; Lana, J.; Bandeira-De-Mello	550 empresas brasileiras	2003 a 2013
Avaliação dos ativos intangíveis no setor de construção civil brasileiro: Um estudo documental	2015	Ibanez, F. C.; Vieira Neto, J.; Almeida, L. S. F.	4 empresas de engenharia civil	2008 a 2013
Ativos intangíveis e o desempenho econômico-financeiro: comparação entre os portfólios de empresas tangível-intensivas e intangível-intensivas.	2014	Oliveira, M. O. R. De <i>et al.</i>	27 empresas brasileiras de capital aberto	2003 a 2007
Ativos Intangíveis e o desempenho empresarial	2006	Perez, M. M.; Famá, R.	699 empresas americanas	1997 a 2002

Fonte: Os autores

Acadêmico. Após a definição das palavras-chave e das bases de dados, iniciou-se o processo de busca nas bases de dados. Determinou-se, também, que na busca seriam utilizadas as seguintes delimitações: artigos com data posterior ao ano de 2014 e artigos somente de periódicos científicos, sendo selecionados 266 documentos, abrangendo 42 da base Capes, 25 da base Scopus e 199 do Google Acadêmico. Realizou-se então o teste de aderência, etapa 4, etapa do processo de refinamento da seleção dos documentos, por meio da leitura do título de cada documento descrita por Tasca et al. (2010). Deste universo de pesquisa foram selecionadas 46 publicações finalizando a fase de seleção do banco de artigos brutos.

Após a seleção das 46 publicações foi utilizado o software MAXQDA para análises qualitativas de dados. Por meio do sistema MAXQDA foi

realizado um refinamento das publicações e marcados textos relevantes ao tema da pesquisa.

Foram, então, selecionados 6 (seis) artigos para o portfólio bibliográfico, conforme quadro 1.

Ressalta-se que foi levado em consideração a robustez dos dados, o período da publicação e a relevância da análise dos dados apresentada nos resultados. Observa-se que o período de estudo abrange o ano de 1997 até 2015, compreendendo 18 (dezoito) anos de estudos, iniciando no início da década de 90, período em que se estabeleceu a nova economia, até 2015, permitindo análise da crescente valorização dos ativos intangíveis. Posteriormente, a análise do discurso foi o recurso utilizado para tratar os resultados dos 6 (seis) artigos em estudo.

A TRANSFORMAÇÃO DA ECONOMIA E A ORIGEM DOS INVESTIMENTOS EM ATIVOS INTANGÍVEIS NA SOCIEDADE EM REDE

As transformações em curso nos modelos de produção, de gestão e de trabalho na economia e a crescente valorização dos ativos intangíveis apontam que a valorização dos ativos intangíveis se insere no processo histórico de reestruturação produtiva das últimas décadas do século XX e início do século XXI, comprovando a relação com as transformações da economia, sociedade e cultura. O esgotamento do modelo de produção taylorista/fordista, na crise do capitalismo, contribuiu para a elaboração de uma nova forma de organização das relações produtivas, que levasse em conta o componente cognitivo dos trabalhadores, o Toyotismo. Ou seja, ocorre a transição da economia industrial para a economia baseada em conhecimento.

A crise do capitalismo é superada, com o advento do Toyotismo, e da nova economia global informacional e em rede, que se expandiu, utilizando novas tecnologias da informação e de comunicação. Segundo Perez e Famá (2015),

não existe consenso entre os acadêmicos ou sociólogos se o surgimento da sociedade do conhecimento foi com o advento do computador (ou com todo o avanço tecnológico), com o crescimento da educação avançada, ou mesmo com a reorganização política e econômica mundial, após a Segunda Guerra Mundial. Provavelmente, por todas as razões acima e mais algumas. Talvez uma das características mais marcantes desta sociedade do conhecimento esteja no deslocamento do eixo central da riqueza e do desenvolvimento, que sai dos setores industriais tradicionais – intensivos em capital, mão-de-obra e matéria-prima – para setores cujos produtos, processos e serviços sejam intensivos em tecnologia e conhecimento.

Assim, em uma economia de rede, os ativos intangíveis tornaram-se mais relevantes que os

intangíveis, pois a verdadeira propriedade é o know-how, os conceitos, a ideia, a marca, a relação com os clientes, redes de conhecimento, patentes e as fórmulas operacionais.

Castells (1999a, 2005b) afirma que a sociedade tem sido caracterizada como sociedade de informação ou sociedade do conhecimento. Drucker (1999) afirma que a “sociedade do conhecimento” é uma sociedade em que o recurso econômico principal não é o capital, recursos naturais ou mão de obra, é o conhecimento. (DRUCKER, 1999, p. 7). Assim, Drucker (1999) destaca que as empresas devem abandonar o conhecimento que não tem mais valor e criar o novo por meio de: “melhoria contínua das atividades; desenvolvimento de novas aplicações a partir dos próprios sucessos; inovação contínua como processo organizado”.

No entanto, Castells (1999a) não concorda com esta terminologia, sociedade do conhecimento, porque, para ele, conhecimento e informação sempre foram centrais, em todas as sociedades historicamente conhecidas. Segundo Castells (1999a)

nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica, uma vez que muitos fatores, inclusive criatividade e iniciativa empreendedora, intervêm no processo de descoberta científica, inovação tecnológica e aplicações sociais, de forma que o resultado final depende de um complexo padrão interativo.

Desta maneira, certifica-se que a compreensão da importância dos ativos intangíveis está intrinsecamente ligada aos modos de desenvolvimento das empresas. O autor ressalta dois modos de desenvolvimento, a saber: o industrialismo e o informacionalismo. Desse modo, o autor enfatiza que, nesse contexto, a relação estreita entre o desenvolvimento tecnológico e sociedade provoca a redefinição das relações de produção, poder e experiência

em que se estrutura a sociedade. Castells (1999a) pontua que o paradigma informacional se insere no novo modo informacional de desenvolvimento e possui como fonte de produtividade a melhoria da tecnologia do processamento da informação, portanto, baseado na tecnologia da informação. Castells (1999a) complementa que

cada modo de desenvolvimento tem, também, um princípio de desempenho estruturalmente determinado que serve de base para a organização dos processos tecnológicos: (...) o informacionalismo visa o desenvolvimento tecnológico, ou seja, a acumulação de conhecimentos e maiores níveis de complexidade do processamento da informação. Embora graus mais altos de conhecimentos geralmente possam resultar em melhores níveis de produção por unidade de insumos, é a busca por conhecimentos e informação que caracteriza a função da produção tecnológica no informacionalismo. (CASTELLS, 1999a, p. 54).

Castells (1999a) menciona que o paradigma informacional surgiu uma nova cultura a partir da superação dos lugares e da invalidação do tempo pelo espaço de fluxos e pelo tempo intemporal: a cultura da virtualidade real. Essa é a nova estrutura social a qual Castells (1999a, 2005b) denomina de sociedade em rede, constituída de redes de produção, poder e experiência, que constroem a cultura da virtualidade nos fluxos globais independentes do tempo e o espaço. Por isso, global, todo o planeta inserido nas redes globais de capital, bens, serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia e forma de organização do poder (Estado em rede) que por sua vez, constituem os alicerces materiais de uma nova sociedade. Portanto, para Castells (1999a, 2005b), aquilo que chamamos de globalização é outra maneira de nos referirmos a sociedade em rede.

No entanto, Cruz et al. (2016) afirma que “a economia centrada em bens materiais e ativos

intangíveis se diferencia, do informacionalismo como definido por Castells (1999a, 2005b), por se fundamentar totalmente na interação e na transação em rede.”(p.73), por que o ciberespaço abre um mercado novo, onde os papéis dos consumidores, produtores e intermediários se modificam. Ainda, segundo Cruz et al. (2016), esta nova economia apresenta a natureza da informação e do conhecimento. A valorização dos ativos intangíveis estaria na emergente economia da sociedade em rede. Logo, os fatores intangíveis estão relacionados à economia da informação e do conhecimento, que tem promovido significativas mudanças nas formas de gestão e produção das empresas, principalmente na área da tecnologia da informação.

Portanto, com a percepção de que o sucesso empresarial consiste em investir, maior parcela, no intangível do que no tangível da empresa, tornam-se relevantes, na nova estrutura social, econômica e política da sociedade em rede, as discussões a respeito da relação entre a gestão dos ativos intangíveis e o desempenho organizacional, tanto literatura como nas disposições normativas.

A relação entre gestão dos ativos intangíveis e o desempenho organizacional das empresas

Na economia, os ativos intangíveis tornaram-se um dos temas mais relevantes para o estudo do desempenho organizacional das empresas por trazerem inúmeros benefícios econômicos e competitivos. O valor de uma empresa não pode ser estimado apenas pelos seus ativos tangíveis, os ativos que mais se valorizam são os intangíveis (LIZOTE, et al., 2007, p. 25).

O capital intelectual influencia diretamente no valor de uma organização. O conhecimento no ser humano e nas organizações está estruturado em dois grandes pilares: tácito e explícito. Neste viés, variáveis do capital humano, relacional e

estrutural vem influenciando diretamente no desempenho organizacional das empresas. O balanço patrimonial tem sido utilizado como ferramenta para a gestão das empresas e assim, meio de se medir o desempenho organizacional, garantindo a visibilidade e longevidade do negócio.

Silveira et al. (2017) desenvolveram pesquisa objetivando analisar as abordagens de avaliação de ativos intangíveis na literatura nacional e internacional, por meio da composição de portfólio de 28 (vinte e oito) artigos. Constataram que as abordagens mais citadas foram criadas nos anos de 1990. Verificaram que não se baseiam nas demonstrações contábeis, de forma que não se enquadraram na categoria de Avaliação do Retorno dos Ativos, por serem demonstrações contábeis tradicionais. Observaram que as abordagens citadas não conseguem cobrir todo o processo de identificação dos ativos intangíveis e não auxiliam na gestão e aplicação de ativos intangíveis de forma a convertê-los em resultados.

Na legislação brasileira os ativos intangíveis encontram menção na Lei nº 11.638 de 28 de dezembro de 2007 que alterou e revogou dispositivos da Lei no 6.404, de 15 de dezembro de 1976, e da Lei no 6.385, de 7 de dezembro de 1976, e estendeu às sociedades de grande porte disposições relativas à elaboração e divulgação de demonstrações financeiras (BRASIL, 2207). A referida Lei criou o subgrupo ativo intangível, devido as suas peculiaridades, e o introduziu no grupo ativo não circulante.

Frisa-se que antes da atualização da Lei 6.404/1976, pelas leis 11.638/2007 e 11.941/2009, não era obrigatório reconhecer o ativo intangível no balanço patrimonial das empresas brasileiras. Assim sendo, a atualização da referida lei foi um avanço para a contabilidade brasileira em relação ao tratamento dos ativos

intangíveis. Os ativos incorpóreos passaram a ser classificados em um subgrupo criado no Ativo Não-Circulante do Balanço Patrimonial: o Intangível. A ausência deste subgrupo na legislação impedia que as empresas brasileiras obtivessem um meio adequado para registrar seus bens de natureza corpórea. Lacuna que foi sanada com a aproximação da normatização contábil brasileira com as normas internacionais de contabilidade e assim, com a criação da Lei nº 11.638/07.

Segundo prevê o inciso VI do art. 179 da Lei nº 11.638/07, serão classificados neste novo subgrupo Intangível os direitos que tenham por objeto bens incorpóreos destinados à manutenção da companhia ou exercidos com essa finalidade, inclusive o fundo de comércio adquirido (BRASIL, 2007).

Ainda sobre a Lei nº 11.638/07 destacam-se as seguintes mudanças na estrutura do Balanço Patrimonial das empresas:

- 1 – Criação do subgrupo “Intangível” no Permanente, desdobrado do subgrupo Imobilizado;
- 2 – Extinção da possibilidade de reavaliação dos bens do Ativo Imobilizado e, conseqüentemente, eliminação das Reservas de Reavaliação;
- 3 – O uso do subgrupo Diferido fica restrito ao registro das despesas pré-operacionais e aos gastos de reestruturação;
- 4 – Eliminação da conta “Lucros ou Prejuízos Acumulados” mantendo somente a conta “Prejuízos Acumulados”;
- 5 – Criação, no Patrimônio Líquido, do subgrupo “Ajuste de avaliação patrimonial”, englobando:
 - 5.1 – Como “Reservas de Capital”, passam a ser considerados apenas os ganhos relacionados com o capital social da empresa;

5.2 – Reserva de lucro a realizar, inclusão, no cálculo da parcela realizada do lucro líquido do exercício, do resultado não realizado da contabilização de ativo e passivo pelo valor de mercado. (BRASIL, 2007).

Em termos de normas que versam sobre o assunto em discussão, destaca-se ainda o Pronunciamento Técnico (CPC 04), aprovado pela Comissão de Pronunciamento Contábeis (CPC):

O objetivo do Pronunciamento é definir o tratamento contábil dos ativos intangíveis que não são abrangidos especificamente em outro Pronunciamento. Este Pronunciamento estabelece que uma entidade deve reconhecer um ativo intangível apenas se determinados critérios especificados neste Pronunciamento forem atendidos. O Pronunciamento também especifica como apurar o valor contábil dos ativos intangíveis, exigindo divulgações específicas sobre esses ativos. Um ativo intangível é um ativo não monetário identificável sem substância física (CPC, 2010 – grifos nossos).

De acordo com a lei 11.638/07, os ativos intangíveis podem ser contabilizados e comercializados, por isso, devem ser descritos nos balanços patrimoniais das organizações, principalmente, nas empresas que comercializam ações nas bolsas de valores. A identificação dos ativos intangíveis é primordial para a determinação de valor de uma organização, pois gera impacto diretamente nas suas transações. Assim, dada a importância que os ativos intangíveis representam para as empresas, compete a elas saber geri-los e assim, garantir benefícios econômicos futuros.

Os limites e possibilidades do influxo positivo dos ativos intangíveis no desempenho organizacional das empresas

Perez e Famá (2006) verificaram a relação entre a presença de ativos intangíveis e o desempenho econômico em 699 empresas americanas não financeiras, com ações negociadas na NYSE (New

York Stock Exchange) e na NASDAQ (National Association Securities Dealers Automated Quotation), constantes no banco de dados da Economatica e pertencentes ao rankings Stern Stewart Performance, no período de 1997 a 2002, compondo dois grupos distintos: as empresas intangível-intensivas e as empresas tangível-intensivas, nas quais o critério adotado foi o grau de intangibilidade (GI). A pesquisa comprova que empresas com maior parcela de ativos intangíveis geram mais valor para seus acionistas, em longo prazo, mesmo que, muitas vezes, os investimentos em ativos intangíveis sejam debitados como despesas.

Oliveira et al. (2014) desenvolvem pesquisa, comparando o desempenho de 27 empresas brasileiras de capital aberto, com ações cotadas na Bolsa de Valores de São Paulo –BOVESPA, (via indicadores contábil-financeiros, por cinco anos), que apresentam elevado valor da marca, sendo que são as mais valiosas do Brasil, estando presentes nos rankings brasileiros de marcas mais valiosas da Brand Finance e Interbrand. Analisa-se os índices de rentabilidade, com base na mediana do GI – as Sempre Intangível-Intensivas (SII) e as Sempre Tangível-Intensivas (STI), classificando-as em dois portfólios: um composto pelas empresas com elevada proporção de intangibilidade e o outro relativo às empresas com pequena proporção de intangibilidade. Os autores destacam, citando Villalonga (2004), a diferença do desempenho financeiro operacional entre as empresas, devido aos recursos próprios. Assim, enfatizam a teoria da Visão Baseada em Recursos (Resource Based View – RBV), que aponta os recursos intangíveis como os principais motores da sustentabilidade do desempenho das empresas. Enfatizam a importância dos ativos intangíveis, inclusive no cenário brasileiro. Destacam que, “ainda, investimento em ativos da área de marketing, como em marcas e

relacionamento com os clientes são considerados custos e não investimentos”.

Os pesquisadores Ibanez, Vieira Neto e Almeida (2015) analisaram os cálculos da mensuração dos ativos intangíveis apresentados por 4 (quatro) empresas de engenharia civil, a saber: Gafisa, João Fortes Engenharia e MRV. Constataram que as empresas analisadas apresentam valores próximos, caracterizando uniformidade nas apresentações contábeis, evidenciando que quanto maior os investimentos em ativos intangíveis, maior é a geração de valor, o aumento de vantagens competitivas e consequente desempenho econômico positivo destas empresas.

Machado et al. (2016), em pesquisa qualitativa com 21 empreendedores de startups incubadas, comprovaram que o capital intelectual tem influência no sucesso das startups. Por meio do processo de aceleração recebidos das aceleradoras, este processo de aceleração foi desenvolvido a partir dos seguintes itens: assessoria de gestão, captação de fundos de investimentos, consultoria em modelagem de negócios e inovação, planejamento de marketing, financeiro, gestão de pessoas e apoio físico.

Sena, Lana e Bandeira de Melo (2016) pesquisaram 550 empresas brasileiras listadas foram investigadas entre 2003 e 2013, por meio da análise dos dados econômico-financeiros coletados das “demonstrações contábeis obtidas de fontes secundárias (Economática®) e complementadas com informações dos relatórios de doações às campanhas políticas eleitorais, obtidas junto ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE)”. Destacaram a presença de um choque exógeno, a Lei 11.638/2007. Destacaram, também, como um dos principais resultados, a forte influência positiva das doações às campanhas eleitorais nos ativos intangíveis das empresas, de forma que apresentaram relações

estatísticas expressivas, com grande poder explicativo para desenvolver análises em relação à influência da conexão política nos ativos intangíveis.

Ritta, Fabris e Klann (2017) desenvolveram pesquisa que abrangeu 177 empresas brasileiras listadas na BM&FBovespa, no período de 2010 a 2014, considerando as variáveis Representatividade dos Ativos Intangíveis (RAI), Retorno sobre Ativo (ROA) e Retorno sobre o Patrimônio Líquido (ROE), por meio do Teste de Causalidade de Granger, com o objetivo de identificar a relação causal entre investimentos em ativos intangíveis e desempenho econômico das empresas. Assim, apresentam os seguintes resultados: os setores que mais demandam por ativos intangíveis reconhecidos (RAI) pela contabilidade financeira (CPC 04) são serviços e utilidades públicas. No entanto, apresentam elevados custos de aquisição, de manutenção e de renovação contratual, por isso apresentam valores significativos na composição do Balanço Patrimonial nesses setores econômicos. Concluíram que os investimentos em ativos intangíveis apontam, a longo prazo, como vantagem competitiva, impactando de forma positiva, na diferenciação no mercado e garantem a continuidade do negócio a longo prazo.

De um lado, Ritta, Fabris e Klann (2017), ao analisar os trabalhos apresentados recentemente na literatura contábil, por meio dos trabalhos de Perez e Famá (2004, 2006), Ensslin et al. (2009); Belém e Marques (2012), Nascimento et al. (2012), Decker et al. (2013), Kreuzberg, Rigo e Klann (2013), Miranda et al. (2013), Arruda e Mazzei (2014) e Luca et al. (2014), constataram que nos três últimos artigos, os resultados “não apresentam relação positiva entre a composição dos investimentos em ativos intangíveis e o desempenho das empresas inovadoras.” Por outro lado, Perez e Fama (2006) corroborados por

Oliveira et al. (2014) apontam aspectos relevantes que devem ser investigados para verificar o motivo dos ativos intangíveis não se apresentarem relacionados ao desempenho organizacional em muitas organizações.

Deve-se levar em consideração que, muitas vezes, as empresas pesquisadas demonstraram não registrar nenhum valor em ativos intangíveis. E quando analisam os ativos intangíveis, segundo Silveira et al. (2017), "...as abordagens mais citadas não conseguem cobrir todo o processo, ou seja, não conseguem ir desde a identificação dos ativos intangíveis, passando pela avaliação local e global, fechando o ciclo com o seu gerenciamento."

Perez e Fama (2006) corroborados por Oliveira et al. (2014) afirmam que investimento em ativos, como em marcas e relacionamento com os clientes, ainda, são considerados custos e não investimentos. Oliveira et al. (2014) enfatiza, principalmente, que os benefícios dos ativos da área de marketing não são corretamente descritos na avaliação contábil das empresas. Perez e Fama (2006) corroborados por Oliveira et al. (2014) e

Sena et al. (2016) destacam que a grande maioria dos ativos intangíveis não é registrada ou contabilizada nos demonstrativos financeiros das organizações, devido às abordagens tradicionais de avaliação financeira apresentarem dificuldades em avaliar e valorizar negócios com ativos intangíveis significantes, tendo em vista que, frequentemente, ocorre em longo prazo. Perez e Famá (2006) enfatizam que

a falta de registro e não a mensuração de todos os ativos intangíveis nas demonstrações financeiras, seja por suas dificuldades de identificação, definição e mensuração, seja por suas incertezas intrínsecas, poderia causar, maior distanciamento entre o patrimônio dos acionistas a valores de mercado e o patrimônio dos acionistas

refletido pela Contabilidade Tradicional, principalmente em uma época em que a percepção de valor no mercado parece estar fortemente influenciada pelos ativos intangíveis.

Oliveira et al. (2014) enfatizam que "um dos problemas verificados na mensuração dos ativos intangíveis é a diferença de tratamento e de normativas encontradas em diferentes países, faltando uma linguagem contábil comum." Assim pensando, destaca-se outro aspecto relativo ao tratamento contábil dos ativos intangíveis, que segundo Perez e Famá (2006)

É possível que as recentes fraudes contábeis retardem esse processo de crescimento da Ciência Contábil, mas, se a nova realidade já demonstra que os ativos intangíveis podem agregar valor às empresas, a Contabilidade precisa direcionar seus esforços no sentido de registrar esses ativos estratégicos e desenvolver uma forma de evidenciá-los, readequando, se necessário, seus princípios, convenções, normas e práticas, de forma que prevaleça a essência sobre a forma, pois mesmo a subjetividade e a consequente dificuldade de identificação e mensuração dos ativos intangíveis não podem servir de barreira para impedir esse processo de evolução.

Oliveira et al. (2014) afirmam que organizações que aplicam maior importância ao capital intelectual tem um aumento da margem líquida, margem operacional e liquidez corrente, por conseguinte, o capital intelectual impacta positivamente nas vantagens competitivas. Perez e Famá (2006), Ibanez, Vieira Neto e Almeida (2015) e Ritta, Fabris e Klann (2017) corroborando com a afirmação de Oliveira et al. (2014), Machado et al. (2016) e Sena et al. (2016) evidenciaram que quanto maior os investimentos em ativos intangíveis, maior será a geração de valor, o aumento de vantagens competitivas e consequente desempenho econômico positivo destas empresas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo pretendeu identificar os limites e as possibilidades de uma gestão de ativos intangíveis no âmbito organizacional. Neste sentido, percebeu-se que o novo fator de produção passou a ser o conhecimento. Assim, os ativos intangíveis ganharam mais importância nas empresas do que os ativos tangíveis. Acentua-se que marcas, patentes, tecnologia, pesquisas, desenvolvimento e domínio do conhecimento humano se tornaram essenciais para as organizações.

A sociedade em rede aumenta o grau de diversidade do ambiente e dificulta a dinâmica de adaptação. Com as mudanças ocorridas nas mais diversas áreas da sociedade, as empresas se viram na necessidade de adaptarem sua estrutura organizacional, a fim de se manterem em um mercado competitivo e instável. De forma que é importante que a organização esteja atenta a cultura, a logística de atendimento global e a remoção das barreiras comerciais e, por meio dessa conscientização, se capacitar, continuamente, e gerar novos valores que contribuam para sua manutenção no mercado global.

Assim, o cenário da economia fez com que novos pensamentos fossem introduzidos nas organizações para acompanhar a agilidade dos processos e necessidades dos clientes, na busca de bons índices de desenvolvimento organizacional. Com a era da sociedade em rede as organizações passaram a introduzir o ativo intangível na sua produção de forma efetiva, valorizando, agregando, compartilhando e criando conhecimento. O interesse por parte das organizações pelos intangíveis se consolida conforme a permanência no mercado se demonstra, cada vez mais, instável e competitiva, ocasionando a necessidade das empresas

apresentarem desempenhos de excelência e vantagem competitiva sustentável.

Observa-se que a importância dos ativos intangíveis vai além da literatura, contemplados disposições normativas. Com a atualização da Lei nº Lei 6.404/1976, pelas leis 11.638/2007 e 11.941/2009, os ativos incorpóreos passaram a ser classificados no subgrupo Intangível criado no Ativo Não-Circulante, passando a comporem o Balanço Patrimonial das empresas.

Os ativos intangíveis, também chamados de ativos do conhecimento, relacionam-se positivamente e diretamente com o desempenho organizacional das empresas, viabilizando uma gestão de ativos nas empresas de maneira a trazer o sucesso empresarial e a sobrevivência em um mercado competitivo. Evidencia-se que as empresas medem diferentes ativos intangíveis devido aos seus objetivos estratégicos. (STEFANO et al., 2014).

No entanto, ao analisar os artigos que pesquisam empresas, no período de 1997 a 2015, observa-se a permanência da dificuldade da gestão dos ativos intangíveis, da definição de quem eles são e de relacioná-los com o desempenho organizacional. Oliveira et al. (2014) enfatiza, principalmente, que os benefícios dos ativos da área de marketing não são corretamente descritos na avaliação contábil das empresas. Perez e Fama (2006) corroborados por Oliveira et al. (2014) e Sena et al. (2016) destacam que a grande maioria dos ativos intangíveis não é registrada ou contabilizada nos demonstrativos financeiros das organizações, devido às abordagens tradicionais de avaliação financeira apresentarem dificuldades em avaliar e valorizar negócios com ativos intangíveis significantes. Os métodos contábeis, principalmente, os tradicionais, da década de 90, não conseguem mensurá-los. Outro aspecto relevante, que contribuem para esta dificuldade, trata-se das

mudanças rápidas e o aumento do grau de diversidade do ambiente de negócios da sociedade em rede.

REFERÊNCIAS

- Alves, C. S. R., Verdinelli, M. A., Terres Junior, J. C., Lizote, S. A. (2017). Capital Humano e sua Relação com o Desempenho Organizacional em Empresas Prestadoras de Serviços Contábeis. *Revista Catarinense da Ciência Contábil*, v. 16, n. 48, p. 24-38.
- Arrighetti, A., Landini, F. E Lasagni, A. (2014) "Intangible assets and firm heterogeneity: Evidence from Italy", *Research Policy*, 43(1), p. 202–213. doi: 10.1016/j.respol.2013.07.015.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70 Ltda. (Título original: *L'Analyse de Contenu*. PUF, 1977).
- Brasil. Lei 11.638, de 28 de dezembro de 2007. Altera e revoga dispositivos da Lei 6404/76, e da Lei 6.385 de 7 de dezembro de 1976, e estabelece às sociedades de grande porte disposições relativas à elaboração e divulgação de Demonstrações Financeiras. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 11 out. 2018.
- Castells, Manuel. (1999). *A sociedade em rede*. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, Manuel, Cardoso, Gustavo. (Org.). (2005). *A sociedade em rede. Do conhecimento à ação política*. Conferência promovida pelo Presidente da República. Centro Cultural de Belém. Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Collis, J., Hussey, R. (2005). *Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman.
- CPC 04. Comissão de Pronunciamentos Contábeis. Disponível em: <<http://www.cpc.org.br/CPC/Documentos-Emitidos/Pronunciamentos/Pronunciamento?Id=35>>. Acesso em 11 out. 2018.
- Davenport, Thomas H., Prusak, Laurence. (1998). *Conhecimento Empresarial*. Rio de Janeiro: Campus. Capítulo 1.
- Gil, Antônio Carlos. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed., São Paulo: Atlas.
- Godoy, A. S. (1995). *Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades*. RAE – Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 25, n. 2.
- Ibanez, F. C., Vieira Neto, J. E Almeida, L. S. F. (2015) "Avaliação dos ativos intangíveis no setor de construção civil brasileiro: Um estudo documental", *Sustainable Business International Journal*, 47, p. 12–21.
- Lacerda, R. T. O., Ensslin, L., Ensslin, S. R. (2012). Uma análise bibliométrica da literatura sobre estratégia e avaliação de desempenho. *Gestão & Produção*, v. 19, n. 1, p. 59–78.
- Machado, E. et al. (2016) "Análise da influência do capital estrutural no sucesso de startups incubadas: uma pesquisa com 21 empreendedores", *International Journal of Innovation*, 4(1), p. 46–57. doi: 10.5585/iji.v4i1.71.
- Marzo, G. E., Scarpino, E. (2016) "Exploring intellectual capital management in SMEs: an in-depth Italian case study", *Journal of Intellectual Capital*, 17(1), p. 27–51. doi: 10.1108/JIC-09-2015-0075.
- Minayo, M.C.S. (2006). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 9. ed. São Paulo: Hucitec.
- Oliveira, M. O. R. de et al. (2014) "Ativos intangíveis e o desempenho econômico-financeiro: comparação entre os portfólios de empresas tangível-intensivas e intangível-intensivas", *Revista de Administração da UFSM*, 7(4), p. 678–699. doi: 10.5902/1983465913552.
- Perez, M. M. E., Famá, R. (2006) "Ativos Intangíveis e o desempenho empresarial", *Revista de Contabilidade e Finanças - USP*, (17), p. 7–24. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1519-70772006000100002>.
- Ritta, C. D. O., Fabris, T. R. E Klann, R. C. (2017) "Um estudo sobre causalidade entre EBITDA e

retorno das ações de "A study on causality between EBITDA and return of shares of Brazilian", (XVIII), p. 115–130.

Roos, G., Roos, J. (1997). Measuring your company's intellectual performance. *Long Range Planning*, 30(3), 413-426.

Santos, A. I., Schenatto, F. J. A.; Oliveira, G. A. (2017). Metodologia PROKNOW-C para construir o conhecimento acerca de previsão de demanda utilizando séries temporais. VII Congresso Brasileiro de Engenharia de Produção. Ponta Grossa, PR.

Silva, E. L, Menezes, E. M. (2005). Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. 4. Ed. Florianópolis: UFSC.

Silveira et al. (2017). Abordagens de avaliação de ativos intangíveis: uma revisão da literatura. *Revista Catarinense da Ciência Contábil*. Florianópolis, SC, v. 16. N.47, p.9-25.

Stefano, Nara Medianeira; Casarotto, Nelson Filho; Freitas, Maria Do Carmo Duarte; Martinez, Miguel Angel Tobias. (2014). Gestão de ativos intangíveis: implicações e relações da gestão do conhecimento e capital. *Revista Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, v.4, n.1, p. 22-37,.

Stewart, Thomas A. (2002). A riqueza do conhecimento: o capital intelectual e a organização do século XXI. Rio de Janeiro: Campus. Capítulo 1.

Tasca, J. E.; Ensslin, L.; Ensslin, S. R.; E Alves, M. (2010). An approach for selecting a theoretical framework for the evaluation of training programs. *Journal of European Industrial Training*, 34(7), 631-655.

Vaz, C. R. et al. (2012). Avaliação de desempenho na gestão estratégica organizacional: seleção de um referencial teórico de pesquisa e análise bibliométrica. *Revista Gestão Industrial*, v. 8, n. 4, p. 121–153.

Vergara, S. C. (1998). Projetos e relatórios de pesquisa em administração. 2. ed. São Paulo: Atlas.

Vieira, M. M. F., Zouain, D. M. (2004). Pesquisa qualitativa em administração. Rio de Janeiro: Editora FGV.